

# O IMPÉRIO EGÍPCIO NA NÚBIA (SÉCULOS XVI–XI A. C.)

A Núbia é o vale do rio Nilo ao sul do Egito. A cultura e a língua dos povos da Núbia eram diferentes do povo egípcio.

Situa-se no extremo sul do Egito e nas porções setentrional e central do Sudão, denominado pelos antigos egípcios como Uauat (da primeira até a terceira catarata do Nilo) e Kush (entre a terceira e a quarta catarata do mesmo rio).

Por muito tempo, o vale do rio Nilo, ao sul do Egito, foi visto como região de dispersão tribal, quando comparado com o Egito ou com a Ásia Ocidental.

Na atualidade se percebe uma similaridade em linhas gerais na forma de relacionarem-se os egípcios com as suas áreas de expansão tanto asiáticas quanto africanas, aí que se supõe um papel muito mais ativo (e diversificado) para os núbios incorporados ao domínio egípcio do que sua simples submissão.

O domínio egípcio em Núbia foi mediante muito esforço e guerras prolongadas.

A reforma na administração da Núbia no reinado de Amenotep II (1425–1398 a. C.), e no de Tutmés IV (1398–1390 a.C.), acontecendo dessa forma no final do século XV e princípio do século XIV a. C., respectivamente.

A Núbia era dividida em Baixa Núbia (Uauat) e Alta Núbia (Kush)

Na Baixa Núbia existiam atividades de extração de ouro, cujo limite meridional era a terceira catarata do Nilo - estava sob a administração direta dos egípcios.

Alta Núbia (Kush) - essa região estava sob o controle de governantes núbios que reconheciam a supremacia do faraó. Seis governantes existiam na alta Núbia.

Kush dispunha de exploração auríferas de rendimento muito menos copioso do que as de Uauat, mas as elites dos principados locais exercia controle sobre as rotas que se estendiam para o sul.

O deserto de Bayuda, situado no baixo Núbio era um caminho importante que servia de rota para as trocas, com o sul.

As mercadorias eram marfim, ébano, peles de animais, incenso, animais vivos como macacos e girafas, plumas e ovos de avestruz.

O controle da Núbia era, portanto, de grande relevância no quadro das relações internacionais do Egito da Época Tardia de Bronze (segunda metade do segundo milênio antes de Cristo).

# O modelo tripartite da Núbia

Região setentrional contendo três principados sob controle direto dos egípcios: região entre a terceira e a quarta catarata, contendo talvez seis principados Kushitas sobre as quais o controle egípcio seria indireto; e, mais ao sul, principados totalmente independentes, mas que entravam em relações de trocas com o norte.

Cardoso levou em conta três pontos centrais sobre a dominação egípcio na Núbia à luz de uma das teorias aplicáveis à disposição lógico e especial dos impérios antigos.

1. “Fatores logísticos derivados da geografia e dos recursos disponíveis no território egípcio e naquele que os egípcios tratavam de dominar ao sul de seu país.
2. Nos impérios antigos, sempre se preocupava desfrutar das vantagens de ganhar um império no mesmo tempo delegado a outros, tanto quanto possível, os custos associados a isso.

3. Muitas das características do funcionamento dos impérios antigos se explicam pela inserção das regiões conquistadas num sistema mais amplo de reprodução social, com a finalidade de obter matérias-primas e outros bens, consumidos no território central do conjunto imperial ou transformados em meios de troca deste último com áreas situadas além das fronteiras imperiais” (p.5).



Pode-se considerar a Geografia dos países nilóticos peculiar

Se apresentam como uma faixa estreita de território cultivável associada à cheia do Nilo, apertada entre desertos e, às vezes, mais ao sul, entre savanas dedicadas à pecuária.

# Localização dos países nilóticos



## Densidade demográfica

Sua população, na época aqui considerada, talvez tenha aumentado de mais de dois milhões para cerca de três milhões de habitantes.

As maiores concentrações de população ficavam na parte sul do país, onde as condições naturais eram as melhores para a agricultura irrigada.

A Núbia (entendida como a parte do país nilótico ao sul do Egito) na expansão egípcia talvez tivesse cerca de meio milhão de habitantes. Mas a ecologia da Núbia era bastante diferente da egípcia.

O Médio Egito era uma região de povoamento menos denso, isso por causa da presença de bacias naturais muito extensas.

Outra mancha populacional considerável caracterizava a região de Mênfis, localização de um braço secundário do Nilo.

Por fim, a maior parte do delta do Nilo, a mais setentrional, tendeu crescentemente a situar-se a sede do poder dos faraós, devido às ênfases dadas a política externa e, no final do Reino Novo, era uma zona de maior concentração de terra arável, mas cuja população, embora se tornasse, no final do período imperial egípcia, tão numerosa quanto a do vale em termos absolutos, após mais de um milênio de colonização dirigida se caracterizava por uma densidade demográfica menor.

Na época da grande expansão egípcio na Núbia (período dos hicsos no Egito), os egípcios conheceram a plena metalurgia do bronze e conheceram uma nova era de transformação técnica.

Em meados do século XVI a.C., segundo período intermediário, a decisão de expulsar os hicsos, asiáticos que havia estabelecido um domínio direto no delta do Nilo e um domínio indireto e tributário mais para o sul, levou à constituição de um exército e uma frota de guerra permanente, profissionais.

Mudanças na tecnologia militar também ocorreu na época dos hicsos:

1. Uso do carro de guerra puxado por cavalos.
2. Do arco composto
3. De flechas com ponta metálica
4. Espada de bronze

É importante salientar que os recursos disponíveis para a operação de conquistas ou de repressão de revoltas dos povos dominantes, tinham de repartir-se entre as operações na Ásia Ocidental (Síria-Palestina) e ao sul de Elefantina, em terras núbias.

Passada a expansão a conquista militar no Egito em sua expansão na África, os egípcios organizaram suas conquistas em uma lógica de minimização de custos e maximização das vantagens para os conquistadores.

A organização do império africano do Egito, implantada seja no final do século XV, ou no início do século XIV a. C, consistiu, em primeiro lugar, em controlar diretamente a região mais rica em ouro.

Os egípcios encontraram no baixo Núbia vantagens materiais consideráveis de sua participação amplamente majoritária na sua administração da baixa Núbia.

Na Alta Núbia ou Kush se optou, porém, por um controle indireto - o que diminuía os custos -, baseado em ampla autonomia concedida aos principados locais, desde que aceitassem a supremacia egípcia e o faraó como seu soberano.

Uauat - Baixo Núbia - Constitui um núcleo ou centro administrativo militar, econômico, social e cultural da presença egípcia na Núbia.

Kush - Alto Núbia - constituía uma semi-periferia.



As elites do Egito passaram admitir (principalmente os filhos dos príncipes) a visão do mundo segundo a qual o faraó era o dono legítimo de todo o universo, cabendo aos estrangeiros curvarem-se diante do seu trono ou serem massacrados.

O império núbio do Egito terminou no século XI a.C., quando o vice-rei da Núbia, Panehesi, após intervir com tropas núbias em disputas internas do Egito, em especial da região de Tebas, retirou-se para Uauat por volta de 1080 a. C.

Fatores que vinham indicando a dificuldade do domínio egípcio ao sul de Elefantina:

1. Rebeliões sucessivas, difíceis de combater devido à necessidade de concentrar os principais esforços militares egípcios mais ao norte.
2. O rendimento fortemente decrescente e depois o total esgotamento das explorações auríferas de Uauat e de Kush tornaram menos premente para os egípcios o controle sobre a Núbia.
3. Talvez haja ocorrido um enfraquecimento demográfico e econômico do Egito, em função de um ciclo de longa duração de cheias insuficiente do Nilo, a partir do século XII a. C.

3. Em termos da modalidade específica de teoria relativa à relação centro-periferia, pode-se dizer que, nas novas condições, as elites núbias egipcianizadas já não podiam esperar integração ao império egípcio, sendo-lhe mais conveniente separar-se do Egito.

A sobrevivência do reino egípcio, em contraste, por exemplo, com o dos hititas, mesmo se enfraquecendo, deve-se ao fato de ter sabido adaptar-se a tempo às novas condições da guerra.

Interlúdio: o terceiro período intermediário em suas fases iniciais (séculos XI-VIII a. C).

O Reino do Novo Egito terminou com a partição do país em dois governos:

1. O meridional, por uma dinastia de sumos sacerdotes de Amon que eram também generais, em Tebas.
2. O setentrional, por governantes que vieram a constituir a XXI dinastia, tendo como capital um porto ao mesmo tempo fluvial e marítimo.

No Terceiro Período Intermediário (1069–656 a.C.), a tendência foi para um forte contraste estrutural entre o norte (Baixo Egito e parte do Médio Egito) e o quase-Estado tebano.

Na Tebaida, o poder local manteve e mesmo reforçou cada vez mais uma fachada teocrática, cuja figura proeminente era a Divina Adoradora de Amon, uma sacerdotisa.

O cargo de Divina Adoradora de Amon e o de sumo sacerdote de Amon-Ra de Karnark, tendeu, nas fases de monarquia mais unificada, a ser reivindicado para filhas e filhos de faraós, como um meio de limitar a tendência do sul à independência.

Ao norte, na parte setentrional do Médio Egito, no Fayum e no delta, ocorreu um profundo impacto político e cultural de uma imigração maciça de militares líbios com suas famílias. Embora tais líbios adotassem muitos dos costumes egípcios e os monarcas dessa extração se comportassem como faraós, há indícios de que sua egipcianização foi superficial.

Em primeiro lugar nota-se a manutenção de nomes líbios ao longo de séculos: Shehonq, Osorkon, Takelot, entre os governantes, mas também entre os particulares. Em segundo, o fato de pertencer a alguma das tribos líbias continuou a ser resultado em inscrição, também por vários séculos.

Os líbios da Cirenaica havia sido tradicionalmente um povo seminômade, tribal, de criadores de gado. O governo líbio multiplicava as doações de cargas de alta responsabilidade a seus parentes.

Os faraós líbios controlaram os recursos da parte norte do Egito, entre 945 a 850 a.C. o que permitiu a Sheshoq I ter os meios para intervir militarmente na Palestina sob pretexto de apoiar um pretendente ao trono, apoderando-se de grandes riquezas em Jerusalém por volta de 925 a.C., e a seus sucessores imediatos a possibilidade de retomar a tradicional política egípcia de influência no relativo ao porto fenício de Búblus.

Todos esses governantes assumiram ou não o título de reis.



Cardoso fala que:

“Uma indicação curiosa de que a egípcianização de alguns dos líbios fosse superficial é que, numa ocasião em que o faraó núbio Piy - que se arvorava campeão quando de sua campanha militar no Egito, no século VIII a.C. - se apresentava a receber os juramentos de lealdade de monarcas e chefes líbios aliados ou vencidos, alguns desses governantes foram impedidos de entrar no palácio onde ele se encontrava, devido ao seu caráter impuro” (p. 9).

Durante muito tempo se afirmou que a Baixa Núbia, após a perda de controle dos egípcios sobre a região, teria atravessado um processo de decadência e despovoamento sem nenhuma base arqueológica ou textual para tanto, numa atitude provavelmente racista: sem os egípcios para guiá-los, os núbios teriam revertido à barbárie, donde o seu declínio.

Por volta de 800 a.C., a dinastia que viria a conquistar o Egito já estava bem assentada no trono na Núbia, tendo formado um reino unificado e fortemente militarizado que se estendia para o sul até a região de Méroe, para o norte até Elefantina.

## O Império Núbio no Egito (747–663 a.C.)

Kashta exerceu algum tipo de domínio na Tebaida, onde manteve tropas.



Aproximadamente 730 a.C. o príncipe Tefnakht, de Sais, estendeu seu domínio para o sul. E para controlar essa expansão, Piy, sem sair de Napata, ordenou que suas tropas estacionadas em Tebas se dirigissem para o norte com a finalidade de combater aquela dinastia delta.

As tropas de Piy retornaram a seu país de origem e não voltaram a atuar pessoalmente no Egito.

A Tebaida continuou sendo à base de operações desses sucessores, no Egito. Nas regiões setentrionais, dominadas por dinastia líbias, cada um dos reis núbios teve de volta a estabelecer a sua hegemonia sobre elas mediante operações militares de maior ou menor envergadura.

Shabaço (716–702 a.C.) foi considerado pela posteridade como o verdadeiro fundador da XXV dinastia egípcia, provavelmente por ter residido quase sempre em Mênfis, não na Núbia.

Foi no reinado de Taharço (690–664 a.C.), filho de Piy com a esposa secundária, que marcou o ápice e depois a derrota do império núbio no Egito.

As invasões dos assírios no Egito culminaram em grandes problemas para Taharço. A expansão assíria alcançou a Síria-Palestina.

A dinastia núbica do início manteve relações diplomáticas com os assírios, mas depois de algum tempo intervieram militarmente na Palestina, e o exército núbico foi derrotado em Eltekeh (701 a.C.). Em 667, Taharqo se retirou definitivamente para a Núbia, onde morreu em 664 a.C.

A última tentativa de domínio núbico no Egito foi a de seu sucessor, Tanutamani, que conseguiu derrotar as dinastias do delta aliados à Assíria. Esse acontecimento culminou em uma nova invasão assíria.

O Império Núbio do Egito foi um episódio relativamente breve, mais breve do que o império egípcio na Núbia durante a segundo milênio a.C.

O domínio imperial núbio possuía um exército bem mais numeroso do que o de qualquer das unidades políticas existentes no Egito dividido.

A poliorcética foi uma das características desta guerra. (designa o conjunto de técnicas de defesa e ataque de fortalezas. Para além das questões arquitetônicas e construtivas das fortalezas, o termo engloba também as tácticas defensivas e ofensivas utilizadas para submeter e/ou defender uma fortificação e os apetrechos militares e as suas formas de utilização, associados a tais ações).



Outra questão é que a Núbia continuava a ser menos populosa do que o Egito.

Ambos os exércitos (núbio e egípcio) mantinham as características básicas das formas de guerrear da Idade Tardia do Bronze.

Enquanto isso, os assírios tinham seus sapadores, sua infantaria imensa, hierarquia e bem organizada, sua cavalaria treinada em manobras táticas, seus carros de guerras pesadas, suas armas de ferro, sua maquinaria de cerco bem mais sofisticadas do que qualquer coisa que a Núbia ou Egito pudessem produzir naquela época.

Os reis núbios souberam explorar as vantagens que havia em associar a aristocracia tebana, extremamente hábil em suas manobras para sobreviver, com seu território e seus privilégios intactos se possível, num Egito cheio de ambições dinásticas conflitantes.

Era impossível aos faraós núbios, com os meios de que dispunham, estabelecer um governo direto ao longo do vale do Nilo. Dessa forma, além de adaptar-se ao peculiar sistema de poder da teocracia tebana, jamais tentaram destruir o complexo sistema dinástico do Egito setentrional.

A ortodoxia religiosa e a invariável piedade mostrada diante das divindades egípcias foi outro mecanismo eficaz utilizado pelos monarcas núbios.

Em plena campanha militar de conquista do país do Nilo, então Piy, em cada cidade que tomava, cultuava em pessoa a divindade local e tomava providências para evitar o saque dos santuários.

Conteúdo cedido, organizado e editado pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila

O Império egípcio na Núbia no segundo milênio antes de Cristo e o mais efêmero império núbio no Egito milênio seguinte tiveram em comum o fato de enfrentarem com inteligência o desafio de poderem estabelecer-se sobre vastos espaços obtidos por conquistadores e também, em certo ponto, para as elites dos povos conquistadas.

Um dos motivos que contribuiu a duração do Império Africano no Egito do século XVI ao XI a.C. foi o fato de o Egito ter atingido um auge demográfico e, ao mesmo tempo, o máximo de tecnologia, em especial a militar, disponível na época no Oriente Próximo.

“No caso do Império núbio no Egito do primeiro milênio antes de Cristo, seu caráter efêmero deu-se principalmente ao choque com uma potência guerreira e imperial muito mais eficiente, inclusive em tecnologia militar, a assíria, cujas intervenções armadas, destinadas a desalojar a supremacia núbia do Egito que desafiara sua dominação na Palestina, tiveram êxito” (p.13).

“Não havia recursos e condições logísticas para um domínio assírio direto sobre o Egito que fosse duradouro, menos ainda para uma intervenção assíria na Núbia” (p. 13).

Referência Bibliográfica: CARDOSO, Ciro Flamarion.  
Comparação de dois Impérios Nilóticos: o Egito na Núbia e  
a Núbia no Egito (século XVI-VII a. C.). In: SILVA,  
Francisco Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo Pereira;  
MUNHOZ, Sidnei J. (coordenadores). Impérios na História.  
Ed. Elsevier. Rio de Janeiro, 2009.